

# PRODUÇÃO BRASILEIRA DE ALGODÃO ORGÂNICO E AGROECOLÓGICO EM 2006

Pedro Jorge B. F. Lima<sup>1</sup>

Maria Célia Martins de Souza<sup>2</sup>

## Resumo

Esta pesquisa mostra um quadro geral da organização da produção de algodão orgânico e agroecológico no Brasil na safra de 2006. Os levantamentos foram realizados junto às associações de produtores e outras organizações responsáveis pelo apoio à produção e comercialização, relativos a aspectos como beneficiamento, certificação e articulação dos atores sociais. Os desafios enfrentados nas duas regiões produtoras do país são distintos: na região Nordeste é preciso elevar os rendimentos, enquanto na região Sul a dificuldade é ampliar a produção orgânica em áreas ocupadas com o sistema de produção convencional de algodão.

**Palavras-chave:** algodão orgânico e agroecológico, Brasil

## Abstract

The purpose of this study is to show a general feature of the organization of organic and agroecological cotton production in the 2006 crop year in Brazil. The surveys were carried out with growers' associations and other organizations, which were responsible for production and marketing supports, regarding issues such as ginning, certification

---

<sup>1</sup> Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador do ESPLAR – Centro de Pesquisa e Assessoria (Email: [pedrojorge@esplar.org.br](mailto:pedrojorge@esplar.org.br))

<sup>2</sup> Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora do IEA - Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo (Email: [mcmsouza@iea.sp.gov.br](mailto:mcmsouza@iea.sp.gov.br))

and articulation of social actors. There are different challenges faced in the two producing regions: in the Northeastern region it is necessary to increase yieldings, while in the Southern region the main bottleneck is concerned to growing areas surrounded by conventional cotton crops.

**Key-words:** organic and agroecological cotton, Brazil

## **Introdução**

A produção de têxteis ecológicos, sobretudo aqueles que empregam o algodão orgânico e agroecológico<sup>3</sup> como matéria-prima, tem se expandido muito nos últimos anos, com o interesse de indústrias de pequeno, médio e grande porte na fabricação de peças de vestuário e produtos como calçados e outros artefatos. A forte demanda pela fibra orgânica, entretanto, não está sendo acompanhada pelo aumento da oferta. O desenvolvimento recente do mercado de orgânicos mostra que vários destes produtos tiveram expansão de área e aumento de produtividade. Algumas frutas e hortaliças, por exemplo, extrapolaram os pontos iniciais de venda, como as feiras de produtores, e já se inserem em outros canais de comercialização como supermercados. O cultivo orgânico e agroecológico do algodão também cresce, em escala mundial, porém não acompanha o forte aumento da demanda industrial pela fibra.

De acordo com ORGANIC EXCHANGE (2006a), o número de marcas e varejistas que oferecem produtos de algodão orgânico cresceu exponencialmente entre 2001 e 2005 no Japão, Europa e América do Norte, atraindo o interesse de

---

<sup>3</sup> Para fins desse estudo, considera-se algodão orgânico aquele que é auditado e certificado por um organismo credenciado como certificador de produtos orgânicos. Já o algodão agroecológico é aquele cultivado conforme as práticas da agroecologia, ou seja, preenche os requisitos para a certificação orgânica, porém não é certificado como tal, seja por falta de recursos dos agricultores para arcar com os custos da certificação, ou porque o comprador da fibra dispensa o certificado.

empresas como a Nike, C&A, Timberland, Levis, Mark & Spencer e H&M, entre outras. Nesse período, as vendas passaram de US\$ 245 milhões para US\$ 583 milhões, com uma taxa média anual de crescimento de 35%. Mas a demanda pela fibra de algodão orgânico é muito maior que a oferta, tendo aumentado de 5.720 ton em 2000 para 32.326 ton em 2005, ou seja, uma taxa média anual de crescimento de 93%.

Não há estatísticas oficiais sobre a produção mundial da fibra orgânica. Estima-se que em 2004/05 pouco mais de 25.000 ton foram produzidas em 22 países, destacando-se Turquia, Índia, Estados Unidos e China, responsáveis por quase 79% da produção. Nesse ano a América do Sul foi responsável por apenas 1,7% da produção mundial, concentrada principalmente no Peru e no Paraguai (ORGANIC EXCHANGE, 2006b). Há uma expectativa de que os grupos que produzem atualmente o algodão orgânico mantenham ou mostrem uma ligeira expansão dos níveis atuais de produção.

Este estudo é fruto de um esforço para reunir informações sobre o algodão orgânico e agroecológico no Brasil, com base em levantamentos realizados junto às associações de produtores e outras organizações responsáveis pelo apoio à produção e comercialização no país. Os resultados permitem organizar um quadro geral da safra de 2006, no que diz respeito a aspectos como beneficiamento, algodões coloridos, certificação e articulação dos atores sociais. Nas considerações finais apresentam-se as possibilidades, limites e desafios deste mercado.

### **Produção no Brasil**

O Brasil conta com uma experiência de quase quinze anos na produção, processamento e comercialização de algodão orgânico, conduzida inicialmente por agricultores familiares de Tauá, no interior do Ceará, que contam com apoio técnico e na comercialização do ESPLAR – Centro de Pesquisa e Assessoria, uma ONG com sede em Fortaleza (LIMA, 1993; LIMA 1995; SOUZA, 1998). Entretanto a produção

que alcançou 20 ton de algodão em caroço em 2000/01 tem oscilado entre 10 e 20 ton anuais, um volume irrisório para abastecer a demanda da indústria têxtil.

Além dos produtores cearenses, alguns grupos começam a se organizar também em outros estados que cultivam o algodão, como a Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco na Região Nordeste e o Paraná na Região Sul. A viabilidade destes grupos, no entanto, depende não só de soluções técnicas para a produção orgânica de algodão, mas também de sua organização e inserção em redes de produção, processamento, distribuição e consumo que visem fortalecer as interações econômicas e sociais que se traduzam em compromissos de longo prazo, compondo um sistema de governança estritamente coordenado (SOUZA, 2000).

Segundo os levantamentos realizados, 361 agricultores/as familiares cultivaram 291 ha de algodão orgânico e agroecológico no país em 2006, o que corresponde a uma área média de 0,8 ha por agricultor/a. Os estados do Nordeste detêm o maior número de agricultores/as, 304 (95%), cujas lavouras ocuparam uma área total de 270 ha (92,8%). Já na Região Sul, o Paraná contou com 16 agricultores que cultivaram 21 ha.

A produção colhida em 2006 totalizou cerca de 55.600 kg de algodão em rama, o que corresponde a aproximadamente 20 ton de algodão em pluma. Do total produzido, os maiores volumes foram colhidos no Ceará, com 36% do total, e no Paraná, com 35,3% da produção (Tabela 1).

**Tabela 1. Produção de algodão orgânico e agroecológico no Brasil em  
2006.**

<b>Regiões</b>	<b>Nº produtores</b>	<b>%</b>	<b>Área (ha)</b>	<b>%</b>	<b>Produção (ton algodão em rama)</b>	<b>%</b>
<b>Nordeste</b>	<b>304</b>	<b>95,0</b>	<b>270</b>	<b>92,8</b>	<b>36,0</b>	<b>64,7</b>
Ceará	206	64,4	218	75,0	20,0	36,0
Paraíba	18	5,6	19	6,5	5,0	9,0
Pernambuco	62	19,4	21	7,2	6,2	11,1
Rio Grande do Norte	18	5,6	12	4,1	4,8	8,6
<b>Sul</b>	<b>16</b>	<b>5,0</b>	<b>21</b>	<b>7,2</b>	<b>19,6</b>	<b>35,3</b>
Paraná	16	5,0	21	7,2	19,6	35,3
<b>Total</b>	<b>361</b>	<b>100</b>	<b>291</b>	<b>100</b>	<b>55,6</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da pesquisa

Cabe ressaltar que no Paraná, além dos 16 que constam na Tabela 1, há um grupo de 26 produtores que se encontram em conversão para o cultivo orgânico do algodão. Estes agricultores, organizados pela COAGEL - Cooperativa Agroindustrial de Goioerê, ocuparam uma área de 57 ha com a cultura e colheram 73,25 ton de algodão em caroço, na safra 2006/07, destinados às empresas francesas Veja Fair Trade e Tudo Bom.

As diferenças de produtividade observadas entre as Regiões Nordeste e Sul são fruto de formas diferentes de cultivo. Enquanto no Nordeste as áreas de produção são consorciadas com outras culturas, como milho e feijão, entre outras, no Paraná as lavouras orgânicas de algodão são plantadas em sistema de monocultivo.

## **Beneficiamento e comercialização**

A capacidade de beneficiamento do algodão em rama pelas associações de agricultores tem impacto relevante na comercialização da fibra, na medida em que permite não só maior agregação de valor, como também a incorporação de margens mais elevadas pelos produtores.

O Ceará é o único caso em que a organização de agricultores/as familiares possui descaroçadeira própria, de pequeno porte. Por isso consegue vender o algodão em pluma por preços mais elevados para duas cadeias do comércio justo. Uma delas foi estabelecida pela empresa francesa Veja Fair Trade e a outra pela Rede da Justa Trama, da qual faz parte a própria ADEC, que é a associação local que organiza os agricultores (as). A venda do algodão em pluma permitiu à associação pagar aos produtores, nas três últimas safras, preços que variaram de R\$22,00 a 24,90/@ de algodão em pluma, o que representa um acréscimo entre 67% e 135% sobre os preços no mercado convencional.

Na Paraíba e no Paraná, os agricultores venderam o algodão em rama à Coexis – Coexisting Project, uma empresa dedicada à produção de têxteis orgânicos vinculada à YD Confeccões, de São Paulo, recebendo um prêmio de 25% acima do algodão convencional. Nesses casos a empresa compradora se encarregou do beneficiamento.

Já no Rio Grande do Norte e em Pernambuco, por não terem se articulado previamente com o mercado orgânico ou o comércio justo, os agricultores/as acabaram vendendo o algodão agroecológico no mercado convencional, recebendo preços irrisórios (R\$9,00 a 10,00/@) quando comparados com aqueles recebidos pelos agricultores/as do Ceará, Paraíba e Paraná.

As organizações de agricultores/as, as instituições que apóiam a produção do algodão orgânico e agroecológico e as principais empresas compradoras em 2006 encontram-se na Tabela 2.

**Tabela 2. Organização de produtores, instituições de apoio e empresas compradoras de algodão orgânico e agroecológico em 2006.**

<b>Regiões</b>	Organização de produtores	Instituições de apoio	Empresas compradoras
<b>Nordeste</b>			
Ceará	ADEC (Tauá) Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Quixadá, Choró e Massapê	ESPLAR – Centro de Pesquisa e Assessoria UFC – Universidade Federal do Ceará	Veja Fair Trade Justa Trama
Paraíba	Associação de Assentamentos	Arribaça EMBRAPA Algodão	COEXIS
Pernambuco	AASP - Associação Agroecológica do Sertão do Pajeú	Diaconia	Mercado convencional
Rio Grande do Norte	Associação de Agricultores/as Agroecológicos Oeste Verde	Diaconia	Mercado convencional
<b>Sul</b>			
Paraná	APROAP – Associação dos Produtores Orgânicos das Águas dos Rios Paraná e Piquiri	IBS SEBRAE EMATER Prefeituras Universidade Estadual de Maringá SENAR	COEXIS

Fonte: Dados da pesquisa

### **Algodões coloridos**

Na Paraíba a empresa Natural Fashion, de Campina Grande, produz, de forma terceirizada, vários tipos e modelos de confecções como redes, cortinas e peças de

vestuário, entre outros artigos, confeccionados com algodões coloridos nas tonalidades marrom, bege, verde e safira. Estes produtos representam avanço importante por prescindirem de alvejantes e corantes sintéticos de elevada toxidez. Esse algodão, contudo, é produzido em sistemas convencionais. Em 2006 a empresa adquiriu 20 ton de pluma colorida e a partir de 2007 começou a cultivar suas próprias áreas em bases orgânicas para atender ao menos parte de sua demanda.

### **Certificação**

Apenas os agricultores da Paraíba e do Paraná tiveram sua produção certificada como orgânica através do IBD – Instituto Biodinâmico, com custos cobertos pela compradora das fibras, a Coexis. Nos demais estados não houve iniciativa de solicitar a certificação.

No caso específico do Ceará, a produção foi certificada como orgânica pelo IBD por três anos seguidos, com os custos da certificação pagos pela empresa compradora, a Baobá, já que a ADEC não tem como arcar com tais custos. Porém, desde 2000 as fibras vêm sendo adquiridas por empresas com as quais a ADEC vem estabelecendo relações de confiança quanto à sua qualidade agroecológica. Até agora estas empresas dispensam o uso do selo orgânico, considerando que nesse caso não há necessidade de certificar a produção.

### **Articulação**

Exceção feita ao Ceará, onde já existem antigas ligações entre os produtores e fortes conexões entre estes e os compradores<sup>4</sup>, o desenvolvimento da produção de algodão orgânico e agroecológico no Brasil ainda carece de uma articulação mais efetiva entre os diferentes atores da cadeia produtiva. Por ser um sistema estritamente

---

<sup>4</sup> Após o compromisso de compra de duas safras foi firmado contrato de três anos entre a ADEC e a Veja Fair Trade.



coordenado, as redes de atores se beneficiam com o estabelecimento de compromissos de mais longo prazo entre os agricultores, suas organizações, entidades de apoio e indústrias, para que se possa, em conjunto, estabelecer estratégias visando o aumento da oferta, num contexto particularmente favorável de crescimento da demanda por algodão orgânico. Assim, Natural Fashion e Coexis também começam a desenvolver parcerias de mais longo prazo com seus fornecedores.

No Nordeste foi iniciada uma articulação das diferentes experiências com a realização de um seminário em Lagoa Seca - PB, em novembro de 2006. Desse evento participaram agricultores/as do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco e representantes das ONGs de apoio à produção agroecológica, assim como da Embrapa Algodão e Universidades Federais do Ceará e da Paraíba. Essa articulação está continuando em 2007, através de contatos via internet entre integrantes das entidades de apoio e está programando um novo seminário a ter lugar em Tauá - CE, assim como reuniões menores entre representantes das várias experiências para discutir e definir encaminhamentos de interesse comum, relacionados com beneficiamento, relações com o mercado, preços e comércio justo, entre outros.

Tais articulações poderão proporcionar maior intercâmbio entre as diferentes experiências em curso e favorecer uma melhor compreensão dos diferentes aspectos relacionados com o beneficiamento, preços, certificação, e formas alternativas de inserção nos mercados, como o comércio justo, entre outros aspectos.

### **Considerações Finais**

O cultivo de algodão agroecológico no Nordeste, em sistemas de policultivo tem resultado em volumes ainda insuficientes para atender à crescente demanda pela fibra orgânica. Apresenta vantagens comparativas em relação a outras regiões

produtoras pois historicamente sempre empregava volumes reduzidos de agrotóxicos, o que facilita a conversão às práticas agroecológicas por um número expressivo de agricultores e agricultoras familiares que, em 2007 podem chegar a cerca de 400.

A produção de algodão orgânico no Paraná, embora resulte em rendimentos bem maiores que os observados no Nordeste, ocorre num contexto dificultado pela longa tradição de emprego de insumos químicos, em especial agrotóxicos. Isto torna mais demorada a conversão para o sistema orgânico, principalmente devido ao fato de que os agricultores envolvidos continuam produzindo de forma convencional enquanto experimentam a nova forma de produzir.

Assim, os desafios enfrentados nas duas regiões produtoras são bem diferentes: no Nordeste trata-se principalmente de elevar os rendimentos obtidos, enquanto no Sul refere-se a ampliar a produção orgânica em áreas rodeadas de produção convencional. A falta de pesquisas sobre o cultivo orgânico de algodão também é um fator que limita o seu desenvolvimento no país.

Espera-se que o interesse crescente da indústria, assim como da ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil, possa resultar em instrumentos consistentes de cooperação para aumentar a produção nacional de fibra de algodão orgânico. Nesse sentido, a maior ameaça que a produção brasileira enfrenta é a sedução dos transgênicos sobre os produtores de algodão convencional, preocupados acima de tudo com a redução de custos como único elemento de competitividade.

Os problemas relacionados à produção de algodão orgânico serão discutidos em maior profundidade no próximo ano, quando será realizado no Brasil o III Seminário Latinoamericano de Algodão Orgânico, promovido pela Organic Exchange, uma ONG norte-americana que vem se dedicando a incrementar a produção da fibra orgânica no mundo.

## **Bibliografia**

LIMA, P. J. B. F. Ecological management of “mocó” cotton in northeast Brazil. In: I Conferência Internacional da IFOAM sobre algodão orgânico. Cairo, 1993

LIMA, P. J. B. F. **Algodão Orgânico**: bases técnicas da produção, certificação, industrialização e mercado. In: VIII Reunião Nacional do Algodão, Londrina – PR, 28 Sago-1 set, 1995. mimeo, 20p.

ORGANIC EXCHANGE. **Organic cotton market report**: an in-depth look at a growing global market. Executive Summary, 6p.Spring 2006a.

ORGANIC EXCHANGE. **Organic cotton fiber report**. Executive Summary, 4p.Spring 2006b.

SOUZA, M. C. M. **Algodão orgânico**: o papel das organizações na coordenação e diferenciação do sistema agroindustrial do algodão. São Paulo: FEA/USP, 1998. 187p. (Dissertação de Mestrado)

SOUZA, M. C. M. A produção de têxteis de algodão orgânico: uma análise comparativa entre o subsistema orgânico e o sistema agroindustrial convencional. **Agricultura em São Paulo**, 47 (2): 83-104, 2000.